

**No verbal e no digital: a educomunicação como prática de letramento na E. E. E. F.
Profa. Emiliana Sarmento Ferreira¹**

Fabrcio Borges SANTA BRÍGIDA²
Lucilinda Ribeiro TEIXEIRA³
Will Montenegro TEIXEIRA⁴
Faculdade Pan Amazônica, Belém, PA
Faculdade Paraense de Ensino, Belém, PA
Universidade da Amazônia, Belém, PA

Resumo

A comunicação e a educação são duas áreas do conhecimento que se aproximam no momento em que a tecnologia é utilizada como método e metodologia em sala de aula. O letramento, conforme Kleiman (2005), é um conjunto de práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos. Entre as formas de letramento, está a educomunicação (SOARES, 1999) que é um espaço de intervenção social, que se dá em um campo interdiscursivo e interdisciplinar. A análise é feita a partir da E. E. E. F. Professora Emiliana Sarmento Ferreira, localizada em bairro periférico de Belém, no Pará. A escola dispõe de aparelhos tecnológicos, no entanto, com pouca funcionalidade e aplicabilidade.

Palavras-chave: comunicação; educação; educomunicação; letramento.

Introdução

Um dos desafios para pensar a comunicação na contemporaneidade diz respeito à relação da compreensão do lugar ocupado por ela na atualidade. A temática tem mobilizado inúmeros autores a pensar a incidência da comunicação na sociabilidade e nas mobilidades de conexão com a contemporaneidade, na tentativa de compreensão dessa sociedade

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando no Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura pela Universidade da Amazônia (Unama). Especialista em Ecoturismo e em Docência e Metodologia de Pesquisa em Turismo pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduado em Administração pela Unama; em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará (Uepa); e em Turismo pela UFPA. Coordenador pedagógico e professor assistente da Faculdade Paraense de Ensino (Fapen) e da Faculdade Pan Amazônica (Fapan). E-mail: fasantabrigida@hotmail.com.

³ Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Graduada em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professora titular da Universidade da Amazônia (Unama). E-mail: lucilind@uol.com.br.

⁴ Mestre em Ciências Sociais (área de concentração em Sociologia) pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Especialista em Artes Visuais: Cultura e Criação pelo Senac-RJ. Pós-graduado em Gestão Responsável para a Sustentabilidade pela Fundação Dom Cabral. Graduado em Comunicação Social (habilitação em Jornalismo) pela Universidade da Amazônia (Unama). Jornalista profissional (MTE/PA nº 2.298). Coordenador e professor adjunto dos cursos de Comunicação Social (habilitação em Publicidade e Propaganda) da Faculdade Paraense de Ensino (Fapen) e da Faculdade Pan Amazônica (Fapan). E-mail: willmontenegro@hotmail.com.

estruturada e ambientada a partir da comunicação, que influencia diversos campos do conhecimento.

As formas de comunicação, assim como ela mesma, sofrem influência de um universo de transformações processadas, que se constituem a partir das novas condições – econômicas, sociais, culturais – da expansão da Revolução Industrial, no século XIX, que trouxe à vida na Europa e nas Américas. Novos meios de trabalho, diversão e consumo, novas exigências de moradia e circulação, novos hábitos, necessidades e maneiras de sentir e compreender a existência humana surgem, afinal, novas condições de experiência e produção.

Assim como na comunicação, as mudanças passam a ocorrer, para citar alguns exemplos, também nas artes visuais, que incluem as artes plásticas em suas linguagens mais tradicionais, como a pintura e a escultura, e as novas linguagens decorrentes dos meios de reprodução mecânica, como a fotografia, o cinema, o design e a moda.

O desenvolvimento dos meios de reprodução mecânica no século XIX veio a afetar toda a esfera da produção e do consumo humano, substituindo o fazer manual - lento e em pequena escala - pelo fazer da máquina, ou seja, rápido e em larga escala. Benjamin (2000) discute as mudanças ocorridas nos processos de produção que se refletiram nos setores da cultura e como as técnicas de reprodução em massa, tais como a fotografia e o cinema, modificaram o entendimento das obras de arte, na produção, na concepção, na recepção e na percepção.

De acordo com o autor, a reprodução da arte sempre ocorreu, porém passa a ser diferenciada a partir do advento da fotografia, principal marco da nova lógica de reprodutibilidade, por que as obras passam a ser pensadas e concebidas para as massas⁵. Benjamin (2000) afirma que é por meio da reprodutibilidade técnica que a obra de arte, por exemplo, pode ser vista e ouvida em qualquer espaço e tempo por um número ilimitado de pessoas. Dessa forma, a reprodução retira a obra de seu local tradicional e de sua historicidade e, ao mesmo tempo, atualiza o objeto reproduzido.

Ainda segundo o autor, o filme é uma criação da coletividade. O cinema, por exemplo, já é concebido e pensado para a massa e não pode ser consumido por apenas um indivíduo. É preciso compensar o investimento da sua produção que envolve uma série de

⁵Para o Dicionário de Comunicação (2001), massa é o número considerável de indivíduos, apesar de heterogêneos, são considerados como homogêneos enquanto público consumidor da indústria cultural. A massa tende a ser nivelada pelos padrões de consumo mais fáceis e pelos valores conservadores atribuídos à maioria. Já multidão é tipo de agrupamento social caracterizado pela proximidade física temporária dos indivíduos, como festejo, comício, calamidade, protestos, entre outros. Em geral, as pessoas da massa ou multidão fazem parte do público.

profissionais, materiais e equipamentos bastante sofisticados e de alto custo. O mesmo processo ocorre com a educação a distância, que é pensada para ser acessível a todos e consumida pela massa. Esse formato de ensino conta com a participação do aluno para a construção coletiva do conhecimento.

O cinema é uma arte que gera no homem novas percepções e reações por meio das máquinas, que, segundo Benjamin, são capazes de captar e de refletir o real, que aparece como realidade pura. A educação também desperta no homem novas percepções e reações em relação ao seu universo.

O filme é considerado uma obra de arte montável que sofre influência da opinião pública ao ser construído e irá atingir a população de diferentes formas. Uma das funções sociais mais importantes do cinema é que ele permite a representação do mundo pelo homem através da câmera. Assim como na educação a distância, na qual a possibilidade de manifestação da visão do mundo ocorre por meio das ferramentas disponíveis.

Novas tecnologias

Após esse *boom* do século XIX, vale ressaltar a segunda metade do século XX. Manuel Castells tem os estudos centrados na sociedade civil e movimentos populares, além de analisar o impacto das novas tecnologias na sociedade. Com base no autor, três grandes fatores mundiais afetam as interações e reações sociais. São eles: tecnologia da informação, crise do capitalismo e a emergência de movimentos culturais. Os fatores imprimem influências na economia, estrutura social e cultura. A economia passa a ser global, a sociedade baseada em rede (na conexão) e a cultura é virtual.

É nesse momento, de turbulência, de afirmação e efetivação das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) que emergem na chamada era informacional ou ainda sociedade da informação. Ela pode ser denominada de sociedade do conhecimento, da inovação, do digital e ainda dos computadores. É partir disso que os computadores se firmam e a internet, timidamente, se alastra pelo mundo. Castells (1999) menciona que há quatro telas que norteiam a sociedade. Segue a ordem: cinema, computador, celular e, agora, o *ipad*.

Informação é o resultado do processamento, “manipulação” (no sentido de manuseio) e organização de dados de modo a que adiciona ao conhecimento da pessoa que o recebe. Enquanto isso, é necessário ressaltar que a comunicação é troca, transmissão e veiculação de informação, fluxo de informação e ideias.

A educação perpassa pela reprodutibilidade técnica das telas e pelas mudanças que o mundo passou. A sociedade é

constituída de redes de produção, poder e experiência, que constroem a cultura da virtualidade nos fluxos globais os quais, por sua vez, transcendem o tempo e o espaço. (...) A compreensão do nosso mundo requer a análise simultânea da sociedade em rede e de seus desafios conflituosos. (CASTELLS, 1999, p. 26).

Portanto, a sociedade da informação é uma sociedade que, predominantemente, utiliza as tecnologias da informação e comunicação para a troca de informação em formato digital e que suporta a interação entre indivíduos com recursos às práticas e métodos em construção permanente.

Os novos caminhos da transformação social,

(...) na era da informação, a principal lógica das redes globais predominantes é tão difusa e penetrante, que o único modo de se livrar de seu domínio parece ser ficar fora delas e reconstruir o significado com base em um sistema de valores e crenças inteiramente distinto (CASTELLS, 1999, p. 36).

Castells classifica o século XXI como a “era da perplexidade consciente”,

A promessa da era da Informação representa o desencadeamento de uma capacidade produtiva jamais vista, mediante o poder da mente. (...) Penso, logo produzo. (...) O sonho do Iluminismo está ao nosso alcance. (...) Todavia, há uma enorme defasagem entre nosso excesso de desenvolvimento tecnológico e o subdesenvolvimento social (CASTELLS, 1999, p. 50).

Dentro dessa perspectiva, Lemos (2005) analisa a sociedade da informação apontada por Castells e afirma que a sociedade da informação passa por transformações nas práticas sociais, na vivência do espaço urbano e na forma de produzir e consumir informação a partir da popularização no uso da internet com computação sem fio, a partir da década de 80.

A sociedade da informação, segundo o autor, caracterizada pela convergência tecnológica, chega a uma nova fase, a era da conectividade com os computadores coletivos móveis em uma expansão não só do computador, mas também de uma tecnologia denominada de “nômade”, como os *laptops*, *palms* e celulares. “A rede é o computador e o computador uma máquina de conexão” (2005, p.2). Lemos afirma que há extensão dos métodos de

conexão entre as pessoas em si, a máquina e elas e ainda entre máquinas pelo fato de uma computação onipresente e com troca de informações constantes.

A educomunicação e o letramento digital

A comunicação é um bem social que pode ter uma função além de informativa se aplicada em um determinado espaço social, como é o caso da escola. A intrínseca relação entre Educação e Comunicação desenvolve o sentido mencionado por Soares (1998) de que toda a relação comunicativa pode ser educativa e, portanto, toda ação educativa poderia transforma-se em ação comunicativa. A comunidade escolar – professor e aluno – está imersa em uma sociedade da informação em que os saberes, sejam midiáticos ou não, ultrapassam os limites físicos da escola e, conseqüentemente, do ensino bancário, como define Paulo Freire (1987). A informação invade a escola por vários meios e atores de um grupo social, no caso o discente ou escolar, que transitam e acessam os mais diferenciados tipos de informação. Sartori (2006) afirma que as novas formas de padrão cultural e consumo colocam a escola em um reposicionamento.

A proposta é analisar as práticas de letramento digital, a partir do conceito desenvolvido por Kleiman (2005), que o define a partir um conjunto de práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos. A autora ressalta que o letramento extrapola o mundo da escrita tal como as instituições formais de ensino vem se propondo a fazer. A escola é a instituição formal e oficial, mas que passa, nessa perspectiva de uma sociedade informatiza e conectada, a ser agenciadora do processo das práticas de letramento.

A rede pública de ensino do Estado do Pará possui iniciativas relacionadas ao letramento. O estado do Pará fez a adoção ao sistema nacional de ingresso à rede pública de ensino a partir dos seis anos desde 2009. Ao longo desse período, promove a formação de professores, com temáticas específicas nas práticas de letramento.

Em termos digitais, os recursos disponíveis pela rede pública são softwares educativos, NTIC, acesso à internet e canais televisivos e até programas educativos de veículo de comunicação com a utilização de jornais.

O *locus* é a Escola Estadual de Ensino Fundamental Professora Emiliana Sarmiento Ferreira, situada na área central da capital paraense, Belém, e às proximidades de bairros periféricos. Atualmente, ela possui um contingente de 300 alunos matriculados, do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, nos turnos matutino e vespertino.

No que se refere aos recursos disponíveis no sentido técnico e tecnológico, ela dispõe de uma sala de leitura, uma sala de informática e uma sala para atendimento de pessoas com deficiência. A primeira possui aparelhos televisor e de DVD, além de materiais audiovisuais. Ainda nessa sala, existe um segundo aparelho televisor dedicado ao canal da TV Educativa, do Governo Federal. No entanto, é pouco utilizada em função da recente chegada do material na escola. Na sala de informática existem 10 computadores com acesso à internet. Apesar disso, a periodicidade de uso não é frequente, ora por falta de profissional, ora por ausência de interesse. A sala dedicada às pessoas com deficiência possui um aparelho televisor e computadores, com softwares específicos.

Imersa nesse panorama contextual e histórico comunicacional, a escola, conforme Jacquinot (1998), é uma instituição educativa, social e política simultaneamente. Esses três parâmetros - denominados tríplice - sofrem constantes modificações, principalmente nas últimas décadas, a partir do momento em que o sistema educacional se aproxima das práticas da comunicação, sob a responsabilidade do professor, que ganha a denominação de educador. Soares (1999) explica a educação como um “novo espaço de intervenção social”, que se dá em um campo interdiscursivo e interdisciplinar. Acrescenta ainda que o educador não pode reconhecer o monopólio da transmissão do conhecimento e que somente o professor tem direito da palavra. Para o autor,

Esta foi justamente a segunda hipótese levantada: o novo campo, por sua natureza relacional, estrutura-se de um modo processual, mediático, transdisciplinar e interdiscursivo, sendo vivenciado na prática dos atores sociais através de áreas concretas de intervenção social. A interdiscursividade, vale dizer, o diálogo com outros discursos, é a garantia da sobrevivência do novo campo, ao mesmo tempo em que vai permitindo a construção de sua especificidade. Este interdiscurso é multivocal e o seu elemento estruturante é a polifonia. A alteridade é a dimensão constitutiva deste palco de vozes que polemizam entre si, dialogam e se complementam. (SOARES, 1999, p.2).

O autor enfatiza que é necessária a criação de “ecossistemas comunicativos” nos espaços educativos. Soares lembra que ecossistema é um espaço sempre em construção e o seu aperfeiçoamento varia de acordo como o tema que é desenvolvido. “A Educação deve ser introduzida nos espaços educativos a partir das condições específicas que caracterizam os diferentes ambientes, e, especialmente, a partir das alianças possíveis de serem feitas entre os agentes sociais que atuam em determinado espaço educativo”. (SOARES, 1999, p. 3)

Nessa perspectiva de novo espaço de intervenção social interdiscursivo e interdisciplinar, está dentro de uma temática abrangente que é o letramento. A educomunicação é mais uma das práticas do letramento. Segundo Kleiman (2005), o conceito de letramento surge como uma forma de explicar o impacto da escrita em todas as esferas de atividade e não somente nas atividades escolares. Na medida que a sociedade moderna exige conceitos complexos para descrever e entender seus aspectos relevantes, o conceito de letramento também ajuda a conhecer as diversas funções da língua escrita na sociedade a partir de um conjunto de práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos, ressaltando o aspecto social e utilitário do letramento. O fenômeno do letramento envolve a imersão da criança, do jovem ou do homem no mundo da escrita como é concebido pela escola, sistema oficial e vigente, para realizar esse processo. No entanto, o letramento extrapola esse espaço, daí ser ele um conjunto de práticas com objetivos específicos e em contextos específicos envolvendo a escrita.

Equivocadamente, se confunde a definição de letramento como um método. Estabelecer que o letramento é um método, é reduzi-lo a uma prática única e estanque que irá trabalhar morfemas ou formas mínimas significativas que formam a palavra. A adoção de práticas diárias de leitura em sala de aula, a utilização da estrutura da escola e da comunidade para que o aluno aprenda a identificar-se no contexto são práticas metodológicas que não restringem o letramento a um método de ensinar.

Confunde-se letramento com o oposto ao conceito de alfabetização. A alfabetização é complementar ao letramento. A alfabetização é uma prática de letramento que faz parte do conjunto de práticas sociais do uso da escrita, pois envolve o saber de usar o código para ensinar, decodificar, analisar e reconhecer palavras.

Outro equivoco é considerar que o letramento poderá ser ensinado como uma habilidade. O letramento envolve um conjunto de habilidade e de competências, mas não como um fim, mas um meio para participar de eventos de letramento relevantes à participação social, criando e recriando a partir da realidade do indivíduo para haja a interação social (KLEIMAN, 2005).

O letramento está relacionado com uso da escrita em sociedade e o impacto da língua na vida moderna, designando uma prática sociocultural de uso da língua escrita que se adéqua e se transforma à medida que o tempo passa, assim como se transformou a sociedade, a família, o trabalho, a relações comerciais, a ciência e os demais aspectos da

vida humana mudaram, a língua escrita, também mudou, e isso se deu em virtude dessa escrita passar a ser de domínio universal, deixando de pertencer a poucos e passando a ser um direito de todos.

Antes para ser alfabetizado era necessário somente ter o domínio do código alfabético, mas na atualidade espera-se que além de dominar esse código, o aluno consiga comunicar-se através da escrita em uma variada gama de situações e plataformas, sobretudo, digitais (KLEIMAN, 2005).

A tecnologia tem dado suporte ao uso da língua escrita. Mudanças são percebidas na sociedade e principalmente na escola, mostrando que o letramento também se estende ao processo de desenvolvimento e o uso dos sistemas de escrita nas sociedades, o que implica em mudanças sociais e tecnológicas e a partir das transformações na concepção da linguagem falada (oralidade) e na linguagem não-verbal, ocasionando novas relações com o texto escrito.

A relação de transformação entre as linguagens, oral e escrita, não é de diferença para o letramento, mas de continuidade entre as relações da língua falada e língua escrita, a pesar de serem dois sistemas semióticos ou sistemas de signos que utilizam canais e modalidades de comunicação distinto (KLEIMAN, 2005).

Outras linguagens são agregadas a partir de tais mudanças. As práticas de letramento como reflexão sobre o ensino da língua escrita sofrem uma ampliação no universo textual, o que inclui novos gêneros, novas práticas sociais mudando assim substancialmente a utilização da linguagem escrita, verbal e imagética. O texto passa a ser multimodal ou multissemiótico, pois são usadas as linguagens verbais, imagens, fotos, recursos gráficos que cada vez mais dão sentido e tornam-se uma forma de comunicação importante.

Nesse espaço, surgem os sujeitos denominados de estudante e de professor. Sujeitos integrantes de uma modernidade que Hall (2011) a define a partir de Giddens, quando traz a discussão de um momento em o sujeito está propenso a várias interferências e de certa forma “perdido” no mundo. É o que mais à frente Beck (2010) trouxe como uma sociedade do risco, inserida nesse cenário de instabilidade, que qualquer coisa está prestes a acontecer.

Segundo ele, o risco na questão sociológica seria de que é um componente da estrutura social, no qual se manifesta de determinado modo que permite agir de uma maneira esperada, ou ainda seria um componente de conjuntura, acionado de acordo com a necessidade. É por esse viés que Hall (2011) discute a identidade cultural na pós-

modernidade, momento em que o sujeito, além de ter sua raiz, tem outras formas e maneiras de se relacionar com o que está recebendo do mundo.

O processo educacional passa, à luz de análise, pelo o que Castro (2002) relata ao discutir a questão do mármore e da murta. Ao trazer a reflexão sobre os mal-entendidos entre os jesuítas e os grupos tupinambá no século XVI, há um processo análogo, mesmo que respeitadas as suas diferenças, entre professor e aluno. O professor está em sala com os múltiplos saberes a fim de passar ao aluno, enquanto este último, por sua vez, chega em sala com um cultura externa e todos entram em um processo formal de ensino. Ou seja, daquilo que deve ser de certo modo “catequizado” - ensinado - aos estudantes.

Os alunos, por sua vez, são sujeitos imersos pós-modernidade da identidade cultural, diferente dos tupinambás de outrora. No entanto, não se diferenciam na análise proposta Castro (2002) ao relatar a múrmura e o mármore. Inicialmente, apresenta uma metáfora com os dois nomes.

As estátuas de murta, facilmente recortadas, mas que rapidamente se desfazem com o crescimento da planta, com as estátuas de mármore, entalhadas em material resistente, porém duráveis. As murtas fazem corresponder à disposição dos índios para com as crenças e práticas cristãs, tão ligeiras em aceitá-las quanto em abandoná-las. O mármore, a daqueles povos por muito tempo avessos à pregação, mas que, uma vez convertidos, se mantêm firmes na nova fé. Além disso, evangelizar os pagões do velho mundo era uma tarefa árdua e dolorosa, mas o resultado deste trabalho ficava para sempre duro e rijo como o mármore.

Catequizar os "brasis" era como um trabalho de murta, mas que por um descuido de qualquer jardineiro já cresciam galhos e folhas e assim era como os nativos que voltariam ao estado primitivo. Os índios são traduzidos pelo povo tupinambá. Eles não resistiam a uma nova aprendizagem da religião do povo branco, os “karaibas”, mas buscavam no seu próprio universo religioso e cultural, referências para traduzir todo o aprendizado, ou seja, eles se sentiam efetivamente cristãos sem que fosse nos moldes pensado pelo europeu, mas precisavam dar um sentido para esta nova fé (CASTRO, 2002).

Com isso, entra em questão a figura do educador, responsável por realizar as ações de formação e de intervenção social ou profissional, que faz o trânsito necessário entre a Educação e a Comunicação. “Os professores que introduziram os meios na escola (...) puderam perceber que isso provoca mudanças profundas nos objetivos e métodos de ensino” (SOARES, 1999, p. 10).

Ao aproximar a educação formal da comunicação social, o autor analisa as teorias da comunicação e da aprendizagem que, recentemente, convergiram “para substituir o paradigma da transmissão de conhecimento, como valores, pela da mediação compreendida como modelo interpretativo e relacional de apropriação de conhecimentos” (SOARES, 1999, p. 10).

Considerações finais

Jacquinot (1998) afirma que é feito um esforço para valorizar a participação ativa do aluno, o que sinaliza o papel da aprendizagem pelo fazer, conforme constam em algumas teorias da aprendizagem defendidas, por exemplo, por Célestin Freinet (1896-1966) e Paulo Freire (1925-1997), um dos maiores educadores contemporâneos brasileiros. Como também, lembra da contribuição construtivista da aprendizagem por Piaget. Além disso, a autora cita a concepção da importância semântica e sua construção e a aprendizagem como construção do significado. Nesse caso, são contribuições de Vygotsky, de Wallon e de Bruner.

Soares (1998) afirma que Freinet e Freire têm reconhecimento na fundação de perspectivas criativas da inter-relação Comunicação e Educação. Segundo ele, Freire aponta “para o caráter essencialmente dialógico dos processos comunicacionais”. Freire (1987) destaca que o modelo atualmente adotado pelas escolas pode ser classificado de opressor, já que se volta para o conteúdo escolar prescrito ao longo da vida. De acordo com ele, o pragmatismo desse processo educativo se reflete em um ensino bancário, o que resulta em fator de opressão. Na visão de Martín-Barbero (2003), a postura dos meios de comunicação conforme menciona Freire (1987), ao colaborar com os processos educativos, está sendo omissa, em parte pela idéia da mídia ser representante dos setores sociais. Martín-Barbero, segundo Soares (1999), é responsável por uma reflexão sobre a relação Comunicação e Cultura e as teorias das mediações na contemporaneidade.

No que abrange as teorias da comunicação, Jacquinot (1998) produziu um percurso comunicacional. Ela recorda que, a partir da década de 1940, os modelos comunicacionais e seu impacto sobre as concepções da comunicação pedagógica tiveram mudança, com, primeiramente, o modelo matemático-funcional da informação, o que, posteriormente, foi confrontada com pela escola neo-marxista de Frankfurt, sobre os efeitos ideológicos e nefastos dos meios. Ainda segundo ela, somente a partir da década de 1980, as pesquisas

comunicacionais abriram novos parâmetros, ao mesmo tempo, acompanhando a evolução do paradigma pedagógico da transmissão para a mediação.

Nesse discurso de inter-relação Comunicação e Educação, Shaun (2002), ao analisar a dinâmica, faz um percurso semiótico da educomunicação entre o dialogismo e a construção do sentido. Para isso, ela propõe conceitos de totalidade fragmentada, fluxos e conexos e redes semióticas. A configuração da inter-relação é categorizada pela autora de cadeias semióticas, “que se apresentam transversalmente como imagens e formas de atuar com e para a comunicação no contexto da educação e da cultura” (2002, p. 15). É o que Shaun denomina de fluxos informacionais, que emergem a partir de determinados grupos sociais, “comunidades e indivíduos, propiciando o surgimento das articulações comunicativas peculiares”. Ela compara os fluxos como “trajetórias invisíveis”, que funcionam em movimentos cíclicos de cadeia semióticas singulares, perpassando de cultura em cultura, impulsionados pela desterritorialização, e com apropriações simbólicas, estéticas, éticos e afetivos. Shaun lembra que a utilização dos meios ou a “demarcação apriorística dos meios” pode ser uma forma de possibilitar o entendimento diferenciado da realidade sem considerar como uma ferramenta que restringe ou aprisiona.

Com isso, se torna necessário desmistificar a comunicação enquanto instrumento, como um recurso pedagógico utilizado esporadicamente pelo professor em sala de aula, e ratificar a comunicação como objeto em que precisa ser desvendado o instrumento teórico de educação para e pelos os meios.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, G.; RABAÇA, C. **Dicionário de Comunicação**. 2ª ed. renovada e atualizada. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

BENJAMIN, W. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. In: ADORNO et al. Teoria da Cultura de massa. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 221-254.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede** – volume I: A era da informação: economia, sociedade e cultura. 8ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, E. **A inconstância da alma selvagem - e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Casac&Naify, 2002.

FREIRE, P. **A educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001

JACQUINOT, G. **O que é um educomunicador?** – O papel da comunicação na formação dos professores. Artigo apresentado no I Congresso Internacional de Comunicação e Educação, São Paulo, 1998. Disponível em: www.cesnors.ufsm.br. Acesso em: 5 de Dezembro de 2011.

KLEIMAN, A. **Preciso”ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?**. Campinas (SP): Cefiel/IEL/Unicamp, 2005

_____. **Projetos de Letramento na Educação Infantil**. In Revista Caminhos em Lingüística Aplicada UNITAU. Volume 1 Numero 1/2009. Disponível em: WWW.unitau.br/caminhosla

MARTÍN-BARBERO, J. **Sujeito, comunicação e cultura**. *Revista Comunicação & Educação*. São Paulo: Moderna/Eca-Usp, maio/ago.1999. nº 15. – Entrevista concedida a Roseli Fígaro e Maria Aparecida Baccega.

_____. **Dos meios às mediações** – Comunicação, cultura e hegemonia. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

SARTORI, A. **Inter-relações entre comunicação e educação: a educomunicação e a gestão dos fluxos comunicacionais**. In Unirevista, vol. 1 , nº 3, julho/2006.

SCHAUN, A. **Educomunicação: reflexões e princípios**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SOARES, I. **A Educomunicação e suas áreas de intervenção**. Textos sobre Educomunicação, disponível em <http://www.usp.br/nce>. Acesso em: 10 de Dezembro de 2011.

_____. **Comunicação/Educação, a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais**. In *Contato, Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação*, Brasília, ano 1, nº 2, jan/mar. 1999, p. 5-75.

_____. **Uma Educomunicação para a Cidadania**. I Congresso Internacional de Comunicação e Educação. São Paulo, maio de 1998. Banco de Artigos da Universidade de São Paulo. Disponível em: www.eca.usp.br/nucleos/nce/artigos.html. Acesso em: 10 de Dezembro de 2011.

_____. **Alfabetização e Educomunicação** – O papel dos meios de comunicação e informação na educação de jovens e adultos ao longo da vida. São Paulo [200?]. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/89.pdf>>. Acesso em: 12 de Dezembro de 2011.

_____. **Educomunicação, uma revolução na sala de aula.** Folha Dirigida, nº 1.396. São Paulo: 08 a 14/12/2005. Disponível em: <http://www.bemtv.org.br/portal/educominicar/pdf/edurevolucao.pdf>. Acesso em: 15 de Dezembro de 2011.

_____. **Gestão comunicativa e educação:** Caminhos da educomunicação. Revista Comunicação & Educação, nº 231. São Paulo: 16 a 25, jan./abr. 2002. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4172/3911>. Acesso em: 16 de Dezembro de 2011.